

O futuro da modernidade dos anos 20

A Arquitectura e o estuque Art Déco

Antero Leite | ACER – Associação Cultural e de Estudos Regionais | acer.geral@acer-pt.org | www.acer-pt.org

Nos finais do século XIX, e inícios do século XX, assiste-se ao aparecimento de novos materiais que mudaram completamente o modo de edificar. O ferro, cuja produção foi impulsionada pela Revolução Industrial, conhece aplicações na Arquitectura e o aço veio facilitar a construção de estruturas suportando elevadas cargas, como pontes e viadutos. Um pouco mais tarde, com a invenção do cimento Portland, introduz-se o método do betão armado com varões metálicos para erguer os paramentos, facilitando a construção em altura. A este surto de inovações tecnológicas correspondeu uma alteração no perfil profissional dos técnicos projectistas com a emergência dos engenheiros, que passaram a executar funções até aí da responsabilidade exclusiva de arquitectos.

1 | Edifício rua Firmeza - rua Santa Catarina, Porto.
2 | Confeitaria do Bolhão, Porto.



Ocorrem, então, duas correntes no plano da estética da Arquitectura: a progressista, procurando introduzir novos conceitos estéticos, e a tradicional, ainda amarrada ao tardo-ecletismo e mesmo ao revivalismo historicista. Ambas se defrontaram com os gostos prevalentes nos encomendantes, maioritariamente dos estratos da burguesia comercial e industrial, muitos deles capitalistas de “*torna-viagem*”. Os arquitectos e construtores civis corresponderam ao gosto que lhes era formulado pelos donos de obras preocupados em construir palacetes e vivendas com todo o conforto moderno, mas com plantas e decoração interior ainda muito marcadas pelos *neos*: clássico, Luís XV e XVI.

Contudo, existiu também uma clientela mais aberta à inovação estilística surgida com a *Art Nouveau* e *Art Déco*, mas com pouca expressão em imóveis construídos quando se compara com os da corrente tradicionalista.

Aveiro e a Lisboa das Avenidas Novas constituem os dois principais núcleos de arquitecturas com elementos Arte Nova em Portugal, embora existam alguns exemplares espalha-

dos por todo o País (entre eles alguns situados no Porto) que se podem referenciar mais no plano decorativo, com o emprego nos alçados de azulejo de padrões influenciados por aquele período estilístico. Pode mesmo afirmar-se que a Arte Nova se implantou mais como revestimento decorativo exterior.

No estuque ornamental houve uma tentativa de introdução da nova gramática decorativa baseada na linha sinuosa à semelhança do movimento dos caules das plantas. O da sala de jantar do Palacete da Condessa de Santiago de Lobão, no Porto, da autoria de António Baganha (1880-1934), o único até à data conhecido na cidade, é, possivelmente, o melhor exemplar Arte Nova em estuque decorativo existente no nosso País. Esta raridade, para além de justificada numa relativa rejeição por parte das clientelas, terá muito a ver com a efémera duração em Portugal da modernidade arte-novista, apenas quinze anos, entre 1905 e 1920.

Um acontecimento veio alterar o panorama das Artes Decorativas europeias com reflexos entre nós – a realização em Paris, entre Abril e

Outubro de 1925, da *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*. Nela procurou-se conciliar a arte com a indústria de produção em massa, utilizando antigas técnicas e novos materiais, alguns preciosos, que se incorporavam numa gama diversificada de produtos desenhados com grande simplicidade formal, empregando a linha recta em substituição dos ondulados da Arte Nova e usando cores vivas em combinações de tons.

Da divulgação desta nova estética resultou a adopção pelos arquitectos-engenheiros de um diferente modo de construir, com o emprego do cimento armado como material estrutural e em que o traçado dos edifícios se caracterizava por um grande rigor geométrico, com volumes escalonados, predominância das linhas verticais e paramentos exteriores minimamente decorados por baixos-relevos de temática floral e/ou vegetalista. A Arquitectura *Art Déco* (denominação usada a partir dos anos 60 do século XX) rapidamente se expandiu por todos os continentes e, em Portugal, manteve-se em voga até cerca de 1935. Durante este período construíram-se em

Lisboa edifícios de grande monumentalidade, alguns deles sob encomenda do Estado Novo e cujo risco se atribui a Cristino da Silva (1896-1976), Cottinelli Telmo (1897-1948), Cassiano Viriato Branco (1897-1970), Pardal Monteiro (1897-1957) e Jorge Segurado (1898-1990).

No Porto, Marques da Silva (1869-1947), apesar do seu pendor classicista nas obras monumentais em granito de fachadas muito elaboradas como a Estação de S. Bento, o Teatro de S. João e o edifício 'A Nacional', identificou-se com a modernidade na construção em betão armado e numa arquitectura mais depurada no prédio da Rua Alexandre Braga, Casa de Serralves, ou no Liceu Rodrigues de Freitas. Pardal Monteiro (1897-1957), com o edifício da filial da Caixa Geral de Depósitos, na Avenida dos Aliados, construído entre 1925 e 1931, manteve-se fiel ao classicismo nos alçados enquanto que no interior deu livre curso à experimentação ornamental da *Art Déco*, sobretudo no 'hall', uma referência no contexto das Artes Decorativas em Portugal. Tratava-se de um edifício público localizado numa das artérias mais nobres de uma cidade que se pretendia dotar de monumentalidade no decurso de um processo construtivo que veio a concretizar-se em outros imóveis como o do prédio fronteiro, projectado pelo arquitec-

to Rogério de Azevedo (1898-1983) e onde, a partir de 1933, se instalou a sede do jornal 'O Comércio do Porto', hoje completamente esventrado do seu interior com perda de composições em estuque *Art Déco*.

Um pouco por todo o Porto construíram-se também habitações privadas no novo estilo atribuídas, entre outros, a Amândio Pinto, Amorooso Lopes, Aucíndio Ferreira dos Santos, José Coelho de Freitas, Manuel Marques, Rogério de Azevedo. Estes arquitectos e condutores de obras diplomados ergueram edifícios com alçados revelando geometrismo e verticalidade imprimida por pilastras caneladas partindo de platibandas plenas a separar os planos. São fenestrados por vãos com lintéis rectos, curvos ou em arcos angulares truncados, janelas duplas ou triplas, algumas projectadas para fora da fachada em ângulo, ou curva (*bay/bow-windows*), e entradas centralizadas (nos prédios em gaveto). A decoração dos paramentos está limitada a pequenos painéis nos remates das pilastras ou nos aventais das janelas inserindo, em baixo relevo, cestos ou jarras com flores estilizadas.

Do levantamento da ACER e até Setembro de 2015, foram recensados os seguintes edifícios visitáveis com composições em estuque

3 | *Edifício do Antigo Horto Moreira da Silva.* © Acer

4 | *Filial no Porto da Caixa Geral Depósitos.* © Acer

5 e 6 | *Salão de Festas do Casino Afifense.* © Afife e Acer





5 6



Art Déco: em Afife, o Salão de Festas do *Casino Afifense*; no Porto, a *Confeitaria do Bolhão* (salão), *Banco de Portugal* (r/c e 1.º piso), antigo *Café Excelsior*, *Caixa Geral de Depósitos* (vestíbulo e passagem para o 'hall') e o antigo *Café Imperial*. Caracterizam-se por grande simplicidade formal e geometrismo nas composições, estilização dos ornatos e figuras, recurso a cores puras em várias tonalidades quando pintados. Os motivos estucados apresentam-se sob a forma de capitéis com volutas quebradas; composições com corolas estilizadas de flores no interior de frisos e de pequenas molduras quadradas, rectangulares ou em losango; pontas de caules; espiralados; faixas com encadeados de discos. A sua execução poderá ser atribuída aos mestres Joaquim Enes Baganha e a Avelino Ramos Meira com a colaboração de estucadores de Afife.

Os exemplares ainda existentes necessitam de serem protegidos da degradação e, sobretudo, da sua remoção em caso de reabilitação de edifícios. As boas práticas na conservação e reabilitação dos estuques *Art Déco* exigem

que as intervenções sejam realizadas por mestres estucadores aplicando os materiais e as técnicas tradicionais. Em todas as situações de degradação dos estuques devem ser feitos exames preliminares de diagnóstico dos agentes causadores, segundo correcta metodologia e executadas acções para os remover.

É imprescindível que, em caso de reabilitação de interiores de edifícios *Art Déco*, os arquitectos procurem evitar a colapsagem total dos ornatos em estuque. Se já houver lacunas em elementos das composições elas devem ser colmatadas com a reposição dos ornatos perdidos, evitando-se a sua substituição por alisamento das superfícies onde anteriormente se encontravam. Este trabalho de reintegração deve ser precedido de um estudo por projectista qualificado em *Art Déco* de modo a conseguir-se aplicar a solução mais consentânea com a linguagem daquele período estilístico. ■

* Artigo redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

BIBLIOGRAFIA

- Arruda, Luísa (2006) – *Decoração e Desenho. Tradição e Modernidade. História da Arte Portuguesa*. Vol. 09 – A Ruptura Moderna (século XX). Ed. Círculo de Leitores.
- Cardoso, Ana Sofia (2011) – *Marques da Silva*. “Coleção Arquitectos Portugueses”. Ed. Quidnovi/Fundação Marques da Silva/IRHU/IGESPAR.
- Fernandes, José Manuel (1993) – *A Arquitectura Modernista em Portugal (1890-1940)*. Ed. Gradiva Publicações.
- Tostões, Ana (2009) – Pardal Monteiro. *Fotobiografias Século XX* (Dir. Joaquim Vieira). Ed. Círculo de Leitores.
- Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*. In http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf.
- A Filial do Porto da Caixa Geral de Depósitos. *Revista Arquitectura*, n.º 21 (Outubro – Novembro 1931). In <http://www.oid.oasrs.org:8080/documents/10192/436825/PP-ARQT021-1931.pdf/c2638af7-af83-4366-b605-9c1d50e3c76b>.